

CORRESPONDENCIA.

SR. REDACTOR DO BURLESCO.



ão posso deixar de mostrar o meu descontentamento, e falta de sinceridade, que V. S.ª tem tido, ha tanto tempo, em não fallar na minha pessoa

Confesso, sr. redactor, que isto é uma

falta de amizade que eu não desculparci, visto ter fallado de toda a qualidade de animaes, e eu votado a um esquecimento eterno! Que é isto, sr. redactor, acaso tenho eu desmentido da minha sincera affeição? Terei eu bebido de menos desde que não sou digno das suas expressões? Terá passado algum dia sem que tome a minha brioleira? Serão mais pequenos os copos de que me tenho servido, ou será por o vinho que tenho bebido? Não, sr. redactor, eu não saberei faltar aos meus deveres, não sou ingrato ao Deos Baccho, de quem tenho sobejas e não vulgaras provas de reconhecimento! Só V. S.ª é tão ingrato para comigo

Vou deixar Lisboa por que o vinho por cá não desce de preço, vou ver se em Guimarães está mais barato, e se V. S.ª se mostrar menos rigoroso comigo, de lá lhe mandarei novas minhas, mas se o não fizer, tremá da minha vingança, e o céo permita que todo o que beber tenha pau campeche, bagá de louro, assucar mascavado, que saiba a oíre, tenha agoa-aridente, seja cascarião, e se lhe torne em vinagre dentro das tripas, e que o puro Collares, o bello Porto, e o gostoso Madeira, votando-lhe cruenta guerra, lhe fuja dos beiços, assim como a agoa treme, foje, e desaparece diante das expressões e pragas do

Marcos Preto Branco,

RESPOSTA,

ILLM.º E EXM.º SR. PRETO.

Verdade é que ha tempo não temos dedicado as nossas mimosas expressões em elogio a V. ex.ª, porém o unico motivo tem sido o haver tanto que dizer, e ainda haver muito de outros patuscos, porém não se segue que isto seja desmerecer o seu prestimo e virtudes; e para lhe mostrar que não somos ingratos, o Supplemento de hoje leva estampada a bella effigie de V. ex.ª, mostrando a sua retirada gloriosa de Lisboa.

Creio que continuaremos deste modo a merecer a sua particular estima.

Os redactores do Burlesco.



em consequencia de estar muito calor na noite de 18, pelas muitas luzes no theatro de S Carlos, não tivemos o gosto de ver em scena madame Luiza! Alguem affirmou ser uma frieira aggravada, que a impossibilitou; outros dizem ser pouco affecta aos principios actuaes.



Alleuia! Alleuia! Alleuia! Ressuscitou a menina das Mercês, a virtuosa protagonista da porcellana, a caseira do Alfeite, a varredora das cocheiras do pa acio da calçada da Estrella, a trazeira do caleche, a limpa botas dos um a um, a peixeira que vende atum, a mulher de virtude, que dá a uma carta as inteepretações

que lhe convém para seus embustes, a pelotiqueira que faz monices, por que lhe pagam, a lavadeira que tira as *notoas da roupa dos seus freguezes* para as deitar na dos visinhos, a vendedora e pergoeira de venturas que só ella viu, a regateira que diz = *chama-lho, antes que to chamem*, em fim a creada e caudataria do amo que está em Vigo, e que mesmo de lá lhe ordena os recados e serviços que deve continuar a fazer!

Ei-la, ainda que em *segunda mão*, pelo braço de um janota penteado e perfumado, e guardada pelo encrespado, encasquilhado Leal.

Ei-la prégado aos peixinhos, mas elles fogem em vez de a ouvirem! Ei-la confessando a victoria do marechal, que ha poucos dias *fugira com 2 lanceiros, e 7 rapazes travessos*, dando a *revolta morta no berço*, e hoje crescida, vive alegre no meio da praça, em quanto seu amo tendo ao lado a —SUA— justiça, lei, verdade, força, honra, maioria, confiança, sympathia, um exercito com seu commandante em chefe, um Carlos Magno para cutilar os insurgentes, e sobretudo a Sua..... lá foi carregado como um ouriço (mas callado para o não ouvirem) tomar os ares de Vigo, por que em Lisboa passava incommodado em sua importante saude!!

O *marechal triumphal*! (dizeis) « calculai quantas legoas de estradas se fariam com 112 contos annuaes, dados já por premio á indisciplina » mas não dizeis: quantos contos de réis tendes tido á vossa disposi

ção desde que estais de cima, e quantas leguas tendes feito, quantas legoas de estradas se fariam com o dinheiro que vos dara por anno o *pulção para piégaras por elle*, com o importe dos direitos da porcellana, atum, ehouricos, do contracto do tabaco, dos immensos 6 tostões que o Dultra roubou, dos rendimentos publicos antecipados até 1852, e outras ninharias que vosso mestre roubou, deixando os empregados e mais classes que o serviam com as mãos na barriga para lhe não cabirem as tripas! Isto não podeis vós negar, por que se o fizerdes, 300,000 percevejos e outras tantas pulgas vos não deixarão dormir, e os olhos vos fugirão para os calcinbhares.

Fallai, gritai, tocai berimbau, cega-rega, e timbales, contra o movimento, mas ide vivendo, que tambem os mais viviam, tendo escarranchado nos pescocoos os mimos de tomar. Queixai-vos de governar agora o marechal há 8 dias, e não dizeis quantos annos despoticamente *imperou* o vosso campeão! *Casai-vos, que vos não fallará exposito.*

RESPOSTA

Do Barbeiro do Carmo ao Braz Tizana de Vigo.

MON CHER.



cebi a tua carta á qual não respondi logo por estar entretido a

*amolar as navalhas* com que barbeei a meu gosto todos os freguezes que

e me apresentaram, tanto na loja como nas ruas de Lisboa em a tarde de 4 do corrente!

Agora é que eu vejo quanto é rendoso o officio quando ha bastante que fazer. Eu, os officiaes da loja, e aprendizes não tinham mãos a medir. Barbearam-se bastantes, mas a maior influencia era em *cortar cabellos*! Alguns, em consequencia da pressa levaram a sua *thesourada nas orelhas*, mas isso pouco ou nada vale; o grande caso é *ficarem tosquoados*! Alguns do meu officio, ainda que menos praticos, ajudaram-me bastante, o que muito lhes agradeço.

Confesso que eu não tencionava trabalhar senão na loja, porém vieram chamar-me para fazer de barbeiro ambulante; — que lhe havia eu fazer, se este é o meu officio?

Não posso deixar de ser eternamente grato a um *rapaz* que me foi chamar para bar-

bear e cortar cabellos a um freguez — na rua nova dos Martyres —, creio que eram os doentes do hospital da ordem terceira de S. Francisco, porém foram tão civilizados, que não me quizeram dar o incommodo de subir as escadas, por que me esperaram na rua! Com tudo ficaram muito bem servidos.

Ora eu não esperava ter tanto que fazer, e estava sendo dia com um ataque de perguiça, que me não permitia trabalhar; mas depois de jantar bebi meio tinto, alegrei, e estava prompto para o que quizessem, já se sabe, no meu officio.

Poucos dias depois, não sei porque motivo, talvez por inveja de eu ter tanta freguezia, fizeram queixa de mim ao regedor,

e mandaram-me despejar da loja!

Os meus officiaes e aprendizes tem tido muita pena, porque na verdade não podiam encontrar mestre que lhes dêsse tanta occasião para elles fazerem o que quizessem; além de tudo, o que mais me custa é os freguezes a quem eu barbeei e arranjei, dizerem mal de mim ainda em cima de lhe cortar os cabellos de graça!!

Agora em Lisboa ha pouco que fazer, os meus aprendizes ainda trabalham, mas é pouco. Eu vou trabalhar para fóra da terra para a loja de meu irmão, onde esperamos as tuas ordens, por que ainda não perdi as esperanças de ser teu freguez quando vieres para Lisboa, por que creio que não te esquecerás dos amigos velhos.

Com isto não enfado mais. Accetta saudades minhas, dos officiaes, e aprendizes, e com ellas o coração do teu amigo sincero

O barbeiro do largo do Carmo  
(Junto ao Club Lisbonense).

**T**emos mais um brigadeiro em miniatura; a Lei não deve ficar muda com esta nomeação, deve guinchar e esfarrapar-se mais outra vez!

Responsavel, Manoel de Jesus Coelho

Typographia de Manoel de Jesus Coelho,  
Rua do Poço dos Negros n.º 54.



Lith. d'Ant.º de Lisboa d'Andrade, R. da Esperança, nº 60.  
**RETIRADA PARA GUIMARAES**